**COMO OS PCNs DE LÍNGUA PORTUGUESA ABORDAM O TRABALHO DE LEITURA.**

 Segundo os PCNs- Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries (2001) a necessidade e a valorização do uso da linguagem são determinadas conforme as necessidades sociais de cada momento. Atualmente, exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes e superiores das demandas sociais de até bem pouco tempo atrás, e essa exigência tende a crescer.

 Sendo a escola um espaço institucional de acesso ao conhecimento seria necessário haver uma demanda que visasse à revisão substantiva das práticas de ensino, que considera a língua como algo sem vida e os textos como um conjunto de regras a serem aprendidas. Os PCNs ainda ressaltam que cabe a escola possibilitar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, pois esta constituição de práticas auxiliará o aluno a aprender por meio da diversidade de textos que circulam no nosso cotidiano.

 Os PCNs (2001) a partir da década de 80, o Ensino de Língua Portuguesa têm sido o centro da discussão sobre a necessidade de melhorar a qualidade da educação no país. No Ensino Fundamental, o ponto principal da discussão no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita, pois os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais estão ligados às dificuldades que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. O fracasso escolar indica a necessidade de uma nova estrutura para o ensino de Língua Portuguesa. Essa nova estrutura deverá encontrar formas de proporcionar, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita. Contudo, essas atividades devem ser entendidas como atividades de letramento.

 Essa discussão sobre a qualidade de ensino avançou bastante. Os Parâmetros Curriculares Nacionais nesta década repercutiram como uma espécie de síntese do que foi possível apreender e avançar neste período em que a democratização das oportunidades educacionais começa a ser levada em consideração. Vale ressaltar também que os PCNs trazem uma reflexão sobre tudo o que foi produzido nas ciências de linguagem, no que tange à leitura e à escrita. Esse trabalho foi essencial na compreensão dos aspectos importantes no processo de aprendizagem da leitura e escrita

Pode-se depreender que as escolas em que circulam diversos tipos de textos, como livros, jornais, cartazes, revistas, avisos, poemas, os alunos lêem e escrevem mais rapidamente e se tornam capazes de buscar as informações de que necessitam. Sem dúvida, é possível explorar na escola os diferentes tipos de textos que usamos no dia- a- dia.

 De acordo com Zilberman (1991), o objeto de leitura que circula na escola é o livro didático, e nele a leitura é empregada com a finalidade de obter certa aprendizagem, geralmente, a da modalidade culta da língua. Zilberman ressalta ainda que para que a leitura seja um hábito é preciso que a criança conviva sempre com ela, tornando-se uma tarefa e um desafio para o professor. O trabalho com a leitura não deve se restringir à apreensão da modalidade culta da língua.

Neste sentido a autora Kato (1999), ressalta que:

A falha no ensino da leitura pode estar na falta de objetivos claros para a leitura. Se a criança enfrenta o texto sem nenhum objetivo prévio, ela dificilmente poderá monitorar sua compreensão tendo esse objetivo . Sua monitoração quando muito poderá se dar apenas a nível de uma compreensão vaga, ou ainda ela poderá ler o texto tendo em mente o tipo de pergunta que a escola está acostumada a fazer. (KATO, 1999, p.134 - 135).

É importante ressaltar que o professor deve esclarecer o objetivo prévio da leitura do texto, ou seja, explicar para que serve e o que se pode explorar no mesmo. É difícil uma criança aprender a ler se não achar finalidade na leitura, pois todos que lêem, o fazem para atender a uma necessidade pessoal, ou seja, com um objetivo. As pessoas leem para buscar informações, satisfazer curiosidades, divertir-se, aprender a relacionar, fazer amigos, crescer em linguagem etc.

Vale ressaltar ainda, que, para cada atividade de leitura se utiliza estratégias e comportamentos diferentes. Nunca é demais lembrar que uma minoria dos alunos privilegiados é capaz de atribuir significados aos diversos textos que lidam agora e no futuro.

 Como podemos observar, a escola tem produzido analfabetos funcionais, isto é, pessoas que escrevem o nome, traduzem placas de ônibus, soletram pequenos textos de seu cotidiano. Entretanto, possuem enormes dificuldades em compreender a escrita, destacando principalmente os diversos sentidos presentes nos textos, não encontrando sentido ou prazer em continuar seu aprendizado.

 O papel principal da escola não é somente formar crianças alfabetizadas, mas crianças letradas. Os PCNs de Língua Portuguesa (2001) abordam que:

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano. A transmissão e busca de informações, ao exercício da reflexão (...) são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaborados e abstratos, os mais vitais para plena participação numa sociedade letrada. (PCNs, 2001, p.30)

Um dos princípios norteadores do trabalho de leitura deve ser a diversidade textual. Os textos trabalhados podem ser verbais ou não-verbais, ou seja, multimodais, pois não podemos ignorar a utilização de textos visuais, isto é, textos que se constroem por meio de letras e imagens. Ao interpretar as imagens utilizando a oralidade ou a escrita, a criança está dando “asas à imaginação” e desenvolvendo a capacidade de compreensão dos múltiplos sistemas significantes que nos rodeiam. A pintura, a fotografia, o cartum, a charge e as histórias em quadrinhos são ótimos textos para serem trabalhados na escola. Esses textos possibilitam que se explore o funcionamento de múltiplos sistemas de significação.

 O trabalho com os diversos gêneros ocupa um espaço importante na formação do aluno leitor, uma vez que estes, por razões tanto sociais como existenciais são privados de experimentar os textos do nosso cotidiano. O aluno leitor terá, nos diversos gêneros textuais, uma ponte que poderá auxiliá-lo no processo de compreensão do mundo à sua volta.

Proporcionar ao aluno contato com diversos gêneros do nosso cotidiano possibilitará uma melhor compreensão e interpretação de algumas leituras específicas. Como exemplo, podemos citar a leitura de gráficos e tabelas, mapas, capas de livros, de legendas, de um fato publicado num jornal, de uma embalagem, de folhetos, de sumário de revistas, de nota fiscal, de folha de cheque, de cardápio, de capa de CD etc.

 A escola deve criar oportunidade para que a criança tenha contato freqüente com a leitura, com a diversidade textual, de modo que ela se encontre com a leitura que a satisfaça e ao mesmo tempo a estimule a buscar outras leituras.

 Nessa direção, Magnani (1989) afirma que:

As leituras de que o aluno gosta podem ser trazidas para sala de aula como ponto de partida para a reflexão, análise e comparação com outros textos(...) saber porque o professor e o estudo critico e comparativo do texto como um todo se apresenta como forma de desmistificar e desautorizar modelos; de recuperar o prazer de saber que há muitos jeitos de ler e escrever e que não são casuais; de perceber que o prazer não se compra em loja, nem é automático, mas depende da emoção e da percepção.(MAGNANI. 1989, p.92-3)

 Na medida em que os estudos sobre o texto ganham em profundidade e esse passa a ser compreendido como parte de atividades mais amplas de comunicação, começa-se a tratar da questão do gênero textual, não apenas como instrumento de comunicação, porém, como objeto de ensino-aprendizagem. Daí a necessidade de se trabalhar os gêneros textuais em sala de aula, pois o papel da escola não se trata apenas de formar sujeitos alfabetizados, mas sim, sujeitos letrados.

 Vale ressaltar que há diferenças de concepção e de entendimento do processo de aprendizagem do que sejam indivíduos alfabetizados e sujeitos letrados. Neste sentido o letramento considera graus de intimidade do sujeito com materiais de escrita e de leitura, portanto o letramento está de alguma forma presente em nosso dia-a-dia.

 O letramento é parte de nossa necessidade diária de ação pela linguagem, especialmente lendo e escrevendo. Podemos afirmar que o mesmo é entendido como resultado da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia, desvendando entre outras coisas as relações entre saber e poder.

 Quando alguém sabe ler, mas não compreende sequer textos curtos, essa pessoa pode ser alfabetizada, mas tem um grau de letramento muito baixo. Esse grau pode evoluir à medida que o sujeito aprende a lidar com diferentes materiais de leitura e de escrita, ou seja, com a grande diversidade textual, como ainda explicitam os PCNs de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (2001):

São os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas, as mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (PCNs.2001, p.30).

Quanto mais textos alguém é capaz de ler e entender, mais letrado é. Uma instituição de ensino é responsável, em grande parte, pelo aumento de letramento das pessoas, pois é nessa instituição que o indivíduo deixa de ler e escrever apenas os textos do dia-a-dia e passa a ter contato com materiais elaborados de maneiras diferentes, às vezes mais complexos e menos comuns no cotidiano.

Entendemos que para formar além de sujeitos alfabetizados, ou seja, sujeitos letrados é necessário garantir um espaço em que os diversos tipos de textos estejam presentes e que estes sejam explorados de tal forma que os alunos saibam, no término do ensino fundamental de (1ª a 4ª séries) não só ler e escrever, mas principalmente entender o funcionamento dos textos lidos, usá-los e produzi-los nas diversas situações comunicativas.

 No que se refere à leitura, Silva (1998) comenta que:

As competências de leitura crítica não aparecem automaticamente; precisam ser ensinadas, incentivadas e dinamizadas pelas escolas no sentido de que os estudantes desde as séries iniciais desenvolvam atitudes de questionamento perante os materiais escritos. Uma democracia, no fundo, assinala a possibilidade de convivência com diferentes pontos de vista, com diferentes convicções. Daí que, sem criticidade e sem espaço para a prática da criticidade, fica impossível analisar os pontos de vista e as convicções em circulação no sentido de que o leitor cidadão possa defendê-lo ou questioná-lo ou então desenvolver outros mais viáveis e objetivos (SILVA.1998, p.27).

 A leitura de textos diversificados favorece o desenvolvimento da capacidade de analisar criticamente os usos linguísticos e também saber posicionar-se perante os fatos e ideias que circulam nos textos do dia-a-dia.

 Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries (PCNs, 2001) abordam essa diversidade, propondo como principio didático, a organização de situações de aprendizagem que tenham por base a utilização de gêneros textuais. É necessário que se leve em consideração que, em seu cotidiano, os alunos estão, constantemente, em contato com essa diversidade textual. Então, é papel da escola promover situações que favoreçam aos alunos o reconhecimento dos gêneros textuais, de modo que aprendam a produzi-los e consequentemente saibam utilizá-los no seu dia-a-dia, em contextos específicos. Assim, a escola deve enfatizar como os diversos textos funcionam linguística e discursivamente.

No capítulo posterior abordaremos como a escola concebe a leitura de mundo que a criança sistematiza, antes mesmo de ingressar nesta instituição.